

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 1

a)

No artigo 1.548, o casamento é considerado inexistente, isto é, sem efeito, desde que ocorram as condições arroladas. Já no artigo 1.550, o casamento é passível de ser tornado sem valor, desde que solicitado e observadas determinadas condições. Essa diferença é produzida pelo acréscimo do sufixo ‘-ável’ (que tem o sentido de possibilidade de praticar ou sofrer uma ação) ao verbo *anular*. Com isso, *anulável* tem o sentido de “aquilo que pode ser anulado”, implicando assim a possibilidade de realização de um processo. Já em *nulo*, a idéia de processo inexistente, pois o seu sentido é de um evento sem validade. Portanto, conforme o artigo 1548, o casamento não se realiza juridicamente; pelo artigo 1550, o casamento é dado como realizado, porém, é passível de anulação.

b)

Diferentemente de *infringência*, palavra formada a partir de *infringir* por meio do acréscimo do sufixo *-ência* (que transforma um verbo em substantivo), *incompetência* apresenta um processo suplementar, já que inexistente o verbo *incompetir*. O verbo *competir* recebe igualmente o sufixo *-ência* e, posteriormente, a palavra formada (*competência*) recebe o prefixo *in-*, fornecendo o sentido de ‘ausência de competência’.

Espera-se que o candidato seja capaz de perceber a relação entre *competência*, *incompetência* e o verbo *competir* (que, nessa relação específica, tem um sentido associado ao de atribuição, menos usual do que aquele associado a rivalidade e competições).

Não se espera, por outro lado, que o candidato faça qualquer consideração de ordem etimológica sobre *fring-* como um eventual radical latino. Como falante da língua, ele dispõe do conhecimento sincrônico de que *fringir* não é um radical de verbo existente. (Não se cobrará o uso de metalinguagem).

Questão 2

a)

A palavra a ser mostrada é *dizer*. O equívoco reside na concepção de que mudanças ortográficas afetam o modo de falar das pessoas. O quadro comparativo é um bom exemplo de que diferentes formas ortográficas não alteraram a pronúncia das palavras.

É importante salientar que a normatização ortográfica que rege a escrita não implica mudanças na língua falada, seja no Brasil, seja em outros países que adotam a língua portuguesa. Em outras palavras, a unificação ortográfica não afeta as diferenças sintáticas, fonológicas, semânticas, etc. observadas entre as diferentes línguas portuguesas.

b)

A ironia consiste no pressuposto de que a unificação ortográfica bastaria para promover uma maior inserção geográfica das publicações em português. Ou seja, indica-se ironicamente que há problemas muito mais sérios de acesso à escrita do que as eventuais diferenças na forma de grafar uma dada palavra. Essa ironia é construída por meio de uma alusão a duas cidades, pouco conhecidas, em regiões com dificuldade em múltiplos aspectos (sociais, econômicos, etc.). A escolha dos nomes de ambas as cidades também contribui na construção da ironia, uma vez que sua forma gráfica e sonora remete a relações específicas da história da língua no país colonizado (Brasil e Guiné-Bissau). Mesmo que não saibamos especificamente seu significado, temos uma memória de língua que nos faz remeter ‘Carinhonha’ a uma língua indígena e ‘Bafatá’ a uma língua africana ou, ao menos, as tomamos como palavras estranhas à língua portuguesa. A ironia está presente também na afirmação do autor do excerto de que é “um ardoroso defensor da reforma ortográfica”, ou ainda, de que a maior barreira para o seu sucesso seria o C mudo.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 3

a)

O recurso utilizado é a transgressão da ortografia ou, dito de outra forma, o uso da grafia como transcrição da fala; ou seja, a tira apresenta uma forma de escrita que tenta reproduzir a fala das personagens.

Esse recurso pode ser exemplificado de três maneiras: pela troca da consoante **l** por **r** (como em *prantando*); pela supressão da vogal na proparoxítona (como em árv[**o**]re), processo muito comum na fala; e pela troca da vogal **e** por **i** (como em *di* e *isperança*).

b)

NÃO. Os fenômenos representados na tira encontram-se também em regiões urbanas e não refletem, necessariamente, escolaridade ou classe social do falante.

Por exemplo, a troca da consoante **l** por **r** é um processo bastante recorrente nas regiões urbanas. A supressão da vogal em palavras proparoxítonas (*xícara*, *abóbora*, etc.) faz parte de um processo fonológico amplamente presente no português brasileiro de forma geral. Finalmente, a elevação da vogal átona (**e** → **i**) é uma marca de diferenciação regional e não de oposição rural/urbano.

Não se cobrará o uso de metalinguagem na referência aos fenômenos aqui mencionados.

Questão 4

a)

Em relação ao primeiro enunciado, algumas das paráfrases que podem ser feitas para um dos sentidos são:

Não há medida alguma que o governo possa tomar.

Não há nenhuma medida que o governo possa tomar.

E para o outro, são:

Há mais de uma medida que o governo pode tomar.

Não há apenas uma medida que o governo possa tomar.

b)

No primeiro enunciado – “Não há uma só medida que o governo possa tomar” –, o termo *só* modifica (focaliza) *medida*. É importante observar que as diferentes interpretações indicadas no item **a** são resultantes da relação de *só* também com o artigo indefinido e a negação.

Já no segundo enunciado – “Não há uma medida que só o governo possa tomar” –, o termo *só* modifica o *governo*, sendo possível substituí-lo por *apenas* ou *exclusivamente*, o que possibilita os seguintes sentidos: ‘não há uma medida que o governo possa tomar sozinho’ ou ‘há medidas que outros, além do governo, podem tomar’. Assim como no primeiro enunciado, é na relação do termo *só* com a negação que essas interpretações são possíveis.

Espera-se que o candidato, ao descrever esse funcionamento, perceba que a abrangência da modificação de *só* é diferente em um e outro enunciado, pois se trata de um termo que afeta muito especificamente um dado elemento ou expressão do enunciado, focalizando-os, ou seja, o *só* tem escopo preciso sobre parte do enunciado.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 5

a)

Normalmente, considera-se que as diferenças entre o português falado na Europa e o falado no Brasil são meramente lexicais ou, quando muito, fonológicas. A questão pretende que o candidato seja capaz de detectar diferenças sintáticas entre as duas línguas que, de forma alguma, devem ser caracterizadas, respectivamente, como norma culta (a tradução lusitana) e forma coloquial ou não normativa (a tradução brasileira). São vários os exemplos de diferenças sintáticas encontradas na comparação entre as duas tiras. Não se espera que o candidato utilize de metalinguagem, mas que, antes de tudo, seja capaz de apontar e descrever as diferenças. Agruparemos alguns exemplos das possíveis diferenças a serem apontadas e as descreveremos em seguida.

Grupo 1

Não vou comer vs. eu não vou comer;
é um prato de lixo tóxico vs. isso é uma pasta tóxica;
se o comeres vs. se você comer;
já sinto os efeitos vs. eu sinto.

Nos casos acima, no português brasileiro o sujeito é sempre expresso lexicalmente na sentença, diferentemente do que ocorre no português europeu.

Grupo 2

se o comeres vs. se você comer.

Nesse caso, o português europeu retoma o antecedente *mistela verde* pelo pronome *o*, enquanto o português brasileiro deixa o complemento do verbo *comer* sem nenhuma retomada lexical para *coisa verde*. Ainda no exemplo acima, há a diferença entre o uso da segunda pessoa do discurso marcada morfologicamente no verbo em português europeu (*se [tu] comeres*), enquanto no português brasileiro o mais usual é o *você*, com o verbo na terceira pessoa (*se você comer*).

Grupo 3

que te transformará vs. que irá te transformar

Nesse exemplo, é importante perceber que o português brasileiro, diferentemente do europeu, marca o futuro com o uso de dois verbos (forma analítica). Ainda no exemplo acima, há a diferença de posição do *te* em português europeu, como proclítico ao verbo em função do *que*, e como proclítico ao infinitivo no português brasileiro.

Grupo 4

de o pôr a comer vs. de fazer ele comer

Aqui a oposição se dá no uso do pronome que retoma *Calvin*. Na fala, geralmente não se encontram, no português brasileiro, as formas oblíquas (*o*), mas as retas (*ele*).

Nesse caso específico é importante salientar que há uma diferença de estrutura resultante da opção de tradução pelos verbos *pôr* e *fazer*. No caso do português europeu, o pronome é o complemento direto do verbo [pôr X [a comer]]. No caso do português brasileiro, temos os chamados “sujeitos acusativos”, ou seja, o pronome é sujeito da sentença subordinada, mas igualmente objeto do verbo da sentença principal [fazer [X comer]].

b)

Espera-se que o candidato perceba que o verbo *ter*, nesse caso específico, é parte da expressão *tem que*, cujo sentido é o de ‘ter obrigação de’, ‘ser preciso’, ‘ser necessário’, ‘dever’. Por outro lado, o verbo *haver* tem o sentido de ‘existir’.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 6

a)

Espera-se que o candidato seja capaz de perceber que o modo como um evento se desenrola no tempo não tem a ver, exclusivamente, com a forma verbal.

Comparação entre Textos **1** e **2**

No caso da narração esportiva, o uso do presente apresenta uma coincidência entre o tempo em que o enunciado é dito e o tempo em que o evento ocorre. Trata-se, portanto, da descrição de um evento em tempo real.

No caso da letra de música *Cotidiano*, os enunciados indicam ação habitual; portanto, apesar de a forma verbal estar no presente, marca uma ação que ocorreu antes do enunciado e que se repete.

Comparação entre Textos **2** e **3**

A habitualidade, já comentada, que se encontra na letra de música, contrasta com o que ocorre na manchete de notícia, em que a ação, embora relatada no tempo presente, refere-se ao futuro.

b)

No texto **1**, normalmente, o tempo presente coincide com o evento descrito e o passado com a retomada da descrição de um evento há pouco ocorrido. O candidato deverá notar que, por se tratar de uma transmissão radiofônica de jogo de futebol, a oscilação em relação ao tempo se deve, sobretudo, pela necessidade de descrição de ações concomitantes à própria narração e a retomada de ações. No último parágrafo, há uso exclusivo do tempo passado porque o locutor do jogo retoma a descrição do gol já ocorrido.

Questão 7

a)

O Corregedor é acusado de corrupção na passagem em que o Parvo se refere ao fato de ele receber subornos, “presentes”, “propinas”, “agrados”, pequenos mimos tais como coelhos e pernas de perdizes. Além disso, o Corregedor é acusado, na peça, de ser desrespeitoso (mijar nos campanários), injusto com relação aos desfavorecidos, preguiçoso e adúltero, pecados pelos quais é condenado a seguir com o Diabo na Barca do Inferno.

b)

Por se tratar de língua da tradição dos bacharéis, o latim é empregado pelo Corregedor como símbolo de distinção e prestígio, tal como a vara e os processos que ele carrega nas mãos. Na verdade, no contexto em que os termos latinos são empregados indistintamente pelo Corregedor como sinal de afetação, arrogância, superioridade e status social, pode-se observar uma certa ironia por parte de Gil Vicente, a qual se explicitará na fala do Parvo. O Parvo se expressa em latim para ridicularizar e ironizar a postura dos magistrados. Chega a admitir essa intenção, ao afirmar que seu latim é macarrônico.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 8

a)

No romance de José de Alencar, Iracema é a heroína romântica. Ela desempenha o papel de sacerdotisa ou vestal dos Tabajaras, que detém o segredo da jurema. Além disso, ela pode ser considerada a própria representação da natureza virgem dos trópicos, que será possuída pelo colonizador europeu, o português Martim, com quem terá um filho. Já na canção de Chico Buarque, Iracema desempenha o papel de uma imigrante que vive nos Estados Unidos em condições ilegais, escondendo-se da polícia e trabalhando na limpeza de estabelecimentos comerciais para sobreviver. Como imigrante ilegal, a Iracema de Chico Buarque vive à margem da sociedade norte-americana. Trata-se, em suma, de uma visão rebaixada de um dos grandes mitos nacionais do nosso romantismo.

b)

No romance, a América pode ser associada ao Novo Mundo, às terras descobertas pelo português na América do Sul ou, mais especificamente, no Brasil. Na canção de Chico Buarque, América alude aos Estados Unidos (América do Norte), para onde Iracema, como, aliás, muitos outros brasileiros por ela representados, “voou” em busca de trabalho e sobrevivência.

Questão 9

a)

Nesse capítulo, o narrador compara sua imaginação às éguas iberas. A metáfora empregada pelo narrador indica que sua imaginação corre livre e solta. É também fértil e ambiciosa, porque diante da “menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre”. Desse modo, a metáfora utilizada sugere que a natureza imaginativa do narrador permite que supostos indícios se transformem rapidamente em verdades.

b)

A metáfora da égua ibera remete à natureza fantasiosa do narrador, Bento Santiago, que, no capítulo citado, recorre à imaginação para escapar da carreira eclesiástica. Como justificativa para a falta de vocação religiosa, imagina confessar à mãe, a devota D. Glória, seu relacionamento amoroso às escondidas com Capitu. No romance, a imaginação fecunda de Bento Santiago justifica a hipótese de adultério, fazendo crescer o ciúme, que sustenta a acusação e condenação de Capitu sem provas concretas.

Questão 10

a)

O eu lírico compara o poeta ao carpinteiro por considerar que ambos são artesãos, que desempenham um ofício puramente braçal, técnico, repetitivo, calculado e monótono, “como quem constrói um muro”. Na segunda estrofe o eu lírico rejeita essa concepção racional de arte, em defesa de uma concepção artística que esteja em consonância com a natureza, na sua diversidade e harmonia.

b)

Na terceira estrofe evidenciam-se características da poética de Caetano Veloso, tais como: materialismo sensorial, recusa da metafísica e da razão, valorização da natureza (panteísmo). Essas características se expressam nos versos da terceira estrofe e em imagens como “penso como quem respira”, “olho para as flores e sorrio”, “E na nossa comum divindade”.

RESPOSTAS ESPERADAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Questão 11

a)

No poema de Carlos Drummond de Andrade, as palavras que expressam tais sentidos são “longe” e “só”, respectivamente.

b)

O eu lírico idealiza um lugar “Onde tudo é belo/ e fantástico”, no qual é possível ser feliz. Uma espécie de utopia, local distante e distinto daquele em que se encontra e no qual se sente exilado, pois “as aves cantam/ um outro canto”. Esta utopia pode ser associada a uma terra natal da qual o eu lírico se sente distanciado; pode referir-se a um Brasil livre da censura e da ditadura de Getúlio Vargas ou a um outro lugar distante no tempo ou no espaço, em que ele possa ser feliz, ainda que sozinho.

Questão 12

a)

Em “Conversa de bois” de Guimarães Rosa, a expressão “bezerro-de-homem” refere-se a Tiãozinho, que é ainda uma criança com quem os bois se solidarizam. A expressão “babando-água-nos-olhos” remete ao choro do menino. Tiãozinho chora devido à tristeza causada pela morte recente do pai. Sofre ainda pela vergonha que sente diante do comportamento da mãe, que mantinha um relacionamento amoroso com Agenor Soronho enquanto o marido estava acamado, e pelos maus-tratos a que é submetido por Agenor.

b)

A expressão “homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta” utilizada na conversa dos bois remete a Agenor, que leva consigo um pedaço de madeira com que os fustiga e cuja pontada dolorosa faz lembrar a picada de um marimbondo. Essa imagem evidencia a violência e a exploração cruel do carregador Agenor, tanto em relação ao menino Tiãozinho, quanto em relação aos bois, que assumem a voz direta no trecho citado.